

NA SUA NUCA

Letícia Maria de Lemos¹

Ignorei o despertador por tempo demais e quase perdi o ônibus para ir a faculdade. Passei grande parte da madrugada estudando para prova de anatomia e a sensação era de que eu nem havia dormido. Moro a uma hora de distância da faculdade e preciso acordar às cinco da manhã todos os dias para pegar o ônibus das seis. Geralmente, tenho tempo suficiente para preparar um rápido café da manhã, mas hoje só consegui trazer comigo uma garrafa de suco. Ao entrar no ônibus, quase sem fôlego, vi que meu assento favorito, atrás do motorista, já tinha sido ocupado, então resolvi me sentar em um dos lugares vazios ao fundo e aproveitar cada segundo para ler minhas anotações.

Este semestre tem sido particularmente complicado. Por um lado, foi difícil ter que me mudar sozinha para a capital, para viver em um pequeno apartamento alugado, em uma cidade que nem conheço bem. Sobretudo, nunca foi realmente minha intenção estudar medicina, mas me senti estimulada ao perceber o tanto de elogios que meus pais faziam ao meu primo recém formado médico, afinal, sempre quis ser motivo de orgulho para eles. Por outro lado, é maravilhoso poder começar do zero em um lugar novo, poder fazer coisas diferentes e conhecer gente interessante. Tenho me sentido mais livre para me expressar e minha melhor amiga tem sido importante nesse processo. Confesso que tenho até um pouco de inveja da sua coragem em ser quem é.

Eu percebi que era diferente das outras meninas aos 13 anos. Elas começaram a falar de garotos e sobre escrever seus nomes com coraçõezinhos em seus diários, mas eu nunca consegui ver neles nada demais. Também nunca consegui me trocar na frente de nenhuma garota nas aulas de educação física. Sempre inventava alguma desculpa para sair do vestiário e deixar que elas se trocassem à sós. Odiava quando sentavam no meu colo ou quando me arrastavam pelo pátio segurando minha mão. Eram todos comportamentos comuns entre garotas, mas que me faziam sentir estranhamente desconfortável. Então decidi esconder. Passei apenas a refletir a normalidade das pessoas ao meu redor.

Já estava há uns vinte minutos concentrada em minhas anotações quando lembrei do suco em minha mochila. Levantei finalmente a cabeça e olhei para as pessoas à minha frente. O ônibus estava bastante lotado agora, com pessoas em pé por todo o corredor, praticamente

¹Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ganhadora da VIII edição do Concurso de Contos Arriete Vilela.

sem espaço algum para se mover. Agradei mentalmente o fato de estar sentada. Não era um lugar ruim afinal de contas, pois me oferecia uma visão privilegiada de todo o ônibus e me senti extrassortuda ao ver a linda menina sentada a algumas fileiras de distância. Na verdade, apenas conseguia ver sua nuca, que ia surgindo devagar por debaixo dos fios enquanto ela amarrava os cabelos. Sempre achei isso particularmente sexy e daí foi impossível desviar meu olhar. Sentia minha pele estremecer levemente com a tensão para ver seu rosto, mas havia muitos outros rostos que enevoavam minha visão e os solavancos do ônibus também não ajudavam.

A oportunidade perfeita surgiu quando ela se levantou para puxar a corda de parada do ônibus, mas a perdi de vista no meio de toda aquela gente. Minha única chance de vê-la seria quando ela descesse pela porta, que estava livre de obstáculos no meu campo de visão. E eu teria conseguido se o senhor que roncava ao meu lado não tivesse atrapalhado. Justo quando estava a ponto de ver seu rosto esse exímio sonhador esbarrou no meu braço e derramou o que restava do suco sobre os papeis esquecidos em minhas pernas. Não pude vê-la, mas tampouco pude esquecer sua linda nuca.

Semanas se passaram sem que eu a visse de novo, até que certo dia, lá estava ela na fila do Restaurante Universitário, alguns metros à minha frente.

– Narcisa? Está me ouvindo? – A voz da minha amiga ecoava em meus ouvidos, acordando-me do transe momentâneo.

Virei-me rapidamente para avisá-la que a garota do ônibus, aquela que eu não conseguia parar de falar sobre, estava ali. E isso foi suficiente para ela sumir.

– Hm... eu diria que você está apaixonada pela Grace Stewart. – Disse de forma sarcástica, sem conseguir conter o riso.

Ela sabe que Os Outros é o meu filme favorito e eu teria rido da situação se apenas conseguisse entender como que a fila continuava no mesmo lugar, mas ela não. A única saída do local ficava na direção oposta ao início da fila, ela teria que necessariamente passar por mim para sair. Além disso, também procurei dentro do refeitório, mas sem sucesso.

Não demorou semanas até que pude vê-la novamente. Dois dias após o desencontro no RU, estava estudando em uma das mesas centrais da biblioteca, quando a vi de relance caminhando no corredor à minha esquerda. Dessa vez, não perdi tempo e comecei a segui-la. Percebi que ela usava fones de ouvido, então seria impossível chamar sua atenção sem ser enxotada para fora da biblioteca por ancinhos e tochas. Estávamos a poucos passos de distância quando ela dobrou em um dos corredores que davam acesso às mesas laterais. Dobrei logo atrás dela, mas só bastou perdê-la de vista por alguns segundos para ela desaparecer de novo. Mesmo

assim, continuei caminhando em direção as mesas. Elas ficavam alinhadas ao longo da parede, formando uma grande bancada e acima delas havia um longo espelho que refletia todos os corredores. Olhei fundo por toda a superfície espelhada e, no entanto, não pude encontrá-la. Ela havia evaporado tão facilmente como das outras vezes.

Pouco tempo depois, estava voltando da faculdade tarde da noite, quase cochilando no assento do ônibus, quando a vi novamente. Ela estava sentada exatamente no mesmo lugar em que a vi pela primeira vez e quando ela se levantou para descer pela porta central, não pensei duas vezes, desci pela porta traseira. Era um lugar deserto e pobrementemente iluminado. Eu sabia que aquilo já estava virando uma obsessão e podia ser perigoso, mas minha curiosidade era maior. Ela caminhava depressa e só parou quando entrou em um beco sem saída.

– Hã... Desculpa se a estou assustando. – Ela continuava de costas para mim, totalmente imóvel. – Eu te vi há algumas semanas e gostaria de te conhecer melhor. Se você aceitar, poderíamos sair para... – Fui interrompida subitamente por sua voz, que me parecia estranhamente familiar:

– Tem certeza que não me conhece? – Perguntou ainda com as costas viradas para mim e continuou sem dar espaço para que eu respondesse:

– Sabe... às vezes as pessoas usam máscaras e outras vezes as máscaras as usam. – Fiquei tentando entender o que ela queria dizer com aquilo, quando ela começou a se virar em minha direção.

– Então... quem é você, – Finalmente pude reconhecer aquela voz. –Narcisa?

A última coisa que vi foi meu próprio rosto estampado em sua face. Caí de joelhos, tocando o borrão em que meu rosto havia se transformado, desesperadamente buscando por ar. Depois, já de bruços no chão frio, senti seu hálito quente em minha nuca, enquanto a vida me escapava pelos poros:

– Você sou eu.